

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
INSTITUTO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA

Olhos d'Água, Olhos d'Alma:
de bem cultural a patrimônio goiano

Paulo Afonso dos Santos
Mestrado Profissional em Gestão do Patrimônio Cultural
Área de Concentração: Antropologia

Goiânia
2005

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
INSTITUTO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA

Olhos d'Água, Olhos d'Alma:
de bem cultural a patrimônio goiano

Projeto de Gestão apresentado à Banca Examinadora da Universidade Católica de Goiás, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Gestão do Patrimônio Cultural, sob orientação do professor Dr. Roque Laraia.

Mestrado Profissional em Gestão do Patrimônio Cultural
Área de Concentração: Antropologia

Goiânia
2005

À minha mãe, D. Militânia, pelas asas que o
sonho lhe deu.

SUMÁRIO

RESUMO	iv
SUMMARY	v
INTRODUÇÃO.....	6
1. A ACORDE (ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DE OLHOS D'ÁGUA)	7
2. OBJETIVO	8
2.1. Geral.....	8
2.2. Específicos	8
3. JUSTIFICATIVA	9
3.1. A Cidade de Olhos d'Água	9
4. REFERÊNCIAS CONCEITUAIS.....	19
5. METODOLOGIA: ESTRATÉGIAS DE AÇÃO PARA O PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO DA GESTÃO ADMINISTRATIVA DA ACORDE.....	22
6. RESULTADOS ESPERADOS	26
7. RISCOS DO PROJETO	27
8. IMPACTOS COM A NÃO REALIZAÇÃO DO PROJETO	28
9. EFEITO MULTIPLICADOR.....	29
10. SISTEMA DE MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO DO PROJETO	30
11. RECURSOS NECESSÁRIOS.....	31
12. CRONOGRAMA DE DESEMBOLSO	32
13. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO	32
14. CAPTAÇÃO DE RECURSOS.....	33
15. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

RESUMO

Olhos d'Água é uma cidade do entorno de Brasília, onde é desenvolvido um artesanato diversificado. Tal artesanato produzido passou por um processo de resgate e é hoje a atividade de que depende a cidade para sua sobrevivência.

O projeto elaborado tem como fim a gestão de políticas públicas, visando buscar apoio técnico-financeiro para fomentar a revitalização do processo dessa produção artesanal, sua comercialização e preservação.

A necessidade de gestão dessas políticas visa alternativas de renda local, que tem levado membros da comunidade a deixarem a cidade em busca de melhores condições em Goiânia e Brasília. Esse processo tem colocado em risco a continuidade do repasse da tradição artesanal. O projeto também procura resolver problemas de escoamento da produção local. Atualmente, esse escoamento vem se dando de maneira informal, por intermédio de duas feiras anuais e em exposições esporádicas em grandes centros.

Destacamos que a feira onde se realiza a comercialização e troca do artesanato vem sendo ameaçada pelo que a comunidade denomina de “invasão dos importados”. Também há uma ameaça que vem de fora, chamada de globalização, que, através de seus “tentáculos”, afeta todo o planeta, inclusive as comunidades locais, que passam a adquirir valores e costumes que fazem parte de outro contexto.

Palavras-chave: 1. Preservação; 2. Valorização; 3. Revitalização; 4. Comercialização; 5. Comunidade; 6. Repasse; 7. Tradição; 8. Tecelagem; 9. Produção; 10. Artesanato; 11. Gestão; 12. Patrimônio; 13. Cultural; 14. Valorização; 15. Divulgação.

SUMMARY

Olhos d'Água is a town of the environ of Brasília where is developed a diversified hand craft. We remember that the hand craft produced in this village get by a rescue process and the same depends of this activity to survive.

The elaborated project has like purpose the management of public politics that aim to loose for support technic-financial to further and revitalize the process of reduction to the hand craft from the city, its commercialization and preservation.

The needs of the management to this politic purposes local rent's alternatives, that has take out the community members left the town to seek better conditions in Goiânia and Brasília. This process places in risk the continuity to pass again the tradition to theach the handicraft.

The project also wait solve problems with a ready market to the local production. Actually this market is getting an informal way intermediated by the two annual fairs and in sporadic expositions in big centres.

We can emphasise the fair were achieves the commercialization and the hand craft change is becomming menaced by that guild named "invasion of the imported". We can also realise a menace that is comming out and its named "globalization", because through its "tentacles" affects all the planet, inclusively local communities that pass to acquire values and customs that take part of another context.

INTRODUÇÃO

O presente documento apresenta uma proposta *de Política de Preservação, Valorização e Ampliação de Bens Culturais de Olhos d'Água*, a ser advogada pela Associação Comunitária de Desenvolvimento Sustentável de Olhos d'Água junto às autoridades das três esferas de governo e iniciativa privada, visando buscar apoio técnico-financeiro para fomentar a revitalização do processo de produção artesanal da cidade, sua comercialização e preservação.

Justifica a necessidade de implantação dessa política a falta de alternativas de renda local, que tem levado mulheres e jovens a deixarem a comunidade para buscar emprego em Goiânia e Brasília, colocando em risco a continuidade de repasse da tradição, particularmente da tecelagem. Além disso, serve de arrazoado para defesa dessa política a dificuldade de mecanismos de escoamento da produção. Atualmente, esse escoamento vem se dando de maneira informal, por intermédio de duas feiras anuais e, eventualmente, em exposições esporádicas nos grandes centros. Mesmo nas duas feiras anuais que a cidade realiza, o espaço de comercialização e troca do artesanato vem sendo ameaçado pelo que alguns moradores denominam de “invasão dos importados”.

Meu interesse pela cidade foi despertado nas visitas à região, antes mesmo de começar o Programa de Mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural, quando a luta dos artesãos para manter viva a tradição do processo de produção do artesanato local, particularmente da tecelagem, atingiu minha sensibilidade de cidadão. Durante a realização do Mestrado, concluí que poderia empregar o conhecimento adquirido para contribuir para melhorar a capacidade de gestão dos bens culturais da comunidade moradora da Cidade Olhos d'Água.

Para elaborar essa proposta, realizei uma pesquisa de campo baseada no método etnográfico, particularmente no instrumento de observação participante. Nos últimos dois anos, visitei a cidade aproximadamente entre seis e oito vezes, quando conversei informalmente e realizei entrevistas semi-estruturadas com artesãos locais. Realizei também observação livre das duas feiras que ocorrem a cada ano na cidade.

Nas páginas que se seguem, procurei desenvolver uma idéia que pudesse se concretizar para a valorização e divulgação dos bens culturais da cidade de Olhos d'Água.

1. A ACORDE (ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DE OLHOS D'ÁGUA)

A ACORDE é uma associação dos artesãos de Olhos d'Água, criada pela comunidade e por amigos do povoado. Dirigida por voluntários, tem como objetivo desenvolver ações que promovam a melhoria da qualidade de vida de seus moradores.

Desde a sua fundação, a ACORDE procura celebrar convênios e parcerias com órgãos do Governo Federal e Estadual, gerando esforços na realização de projetos de interesse comum que beneficiem a população.

Um dos projetos realizados pela ACORDE foi o da implantação do 2. Grau em Olhos d'Água, em parceria com a Secretária de Educação do Governo do Estado de Goiás, evitando que os jovens da comunidade tivessem que se deslocar para Alexânia, sede do município, que dista cerca de 15 km do povoado.

2. OBJETIVO

2.1. Geral

- Elaborar e implementar uma *Política de Preservação, Valorização e Ampliação dos Bens Culturais de Olhos d'Água*, visando buscar apoio técnico-financeiro para fomentar a revitalização do processo de produção artesanal da cidade, sua comercialização e preservação.

2.2. Específicos

- Realizar um pré-diagnóstico da situação da produção artesanal junto aos artesãos da cidade.
- Mapear com os membros da Associação Comunitária de Desenvolvimento Sustentável de Olhos D'Água – ACORDE - as possíveis soluções para os impasses que os artesãos da cidade vivenciam.
- Elaborar e debater o Projeto com membros da ACORDE.
- Fazer gestão junto às autoridades municipal, estadual e federal para a implementação da política proposta.
- Fazer gestão junto à Secretaria de Cultura do Município de Alexânia, à Agência de Cultura Pedro Ludovico Teixeira – AGEPEL e ao Instituto Nacional do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, para estudar a possibilidade de inclusão do artesanato e da feira de trocas da cidade na lista de bens a serem inventariados e registrados como patrimônio imaterial.
- Realizar captação de fundos junto a agências de fomento públicas e privadas para efetivação das ações que visam o fortalecimento do associativismo e a melhoria da qualidade do artesanato local, particularmente dos produtos têxteis.

3. JUSTIFICATIVA

Para justificar o projeto, partimos de um breve histórico da cidade de Olhos d'Água, para contextualizar o artesanato, principalmente a tecelagem, e mostrar como se deu o seu resgate e como esse artesanato é divulgado e comercializado.

3.1. A Cidade de Olhos d'Água

Segundo a memória coletiva local, a comunidade surgiu de uma promessa religiosa, feita por uma moradora da região, de construir uma capela em homenagem a Santo Antônio de Pádua. Em torno da pequena igreja, fundada em 1941 em terras doadas por dois cunhados fazendeiros, cresceu o povoado de Santo Antônio de Olhos d'Água.

As terras doadas foram repartidas pela igreja em pequenos lotes, que eram vendidos a quem quisesse ali se estabelecer. O modelo de arquitetura das casas veio pelas mãos dos mestres de construção de Corumbá de Goiás, que conservaram as mesmas características das antigas casas da região, dando a impressão de ser Olhos d'Água mais antiga do que aparenta. As matérias-primas utilizadas foram, basicamente, adobe, madeiras do cerrado e telhas de barro, fabricadas pelos próprios habitantes.

Os homens trabalhavam como meeiros para os fazendeiros da região. Plantavam milho, feijão, arroz e mandioca e mantinham pequenas criações. Além disso, produziam, para seu uso, utensílios de barro, como panelas, potes e artigos de tecelagem.

Com o isolamento do povoado, a população criou um modo de vida próprio. Era auto-suficiente em gêneros de primeira necessidade, fiava e tecia sua roupa e fazia seus utensílios – gamelas, colheres de pau e cestas. O contato com outras comunidades se dava por intermédio de viajantes e mascates, que traziam o que não se encontrava ali. Para conseguir o sal, era preciso desbravar o sertão de Goiás e de Minas Gerais até o Triângulo Mineiro.

Nas longas viagens em carro de boi, os mascates escoavam o excedente da produção e adquiriam algumas pequenas encomendas especiais para as famílias mais abastadas, como sapatos ou algum corte de tecido fino.

A Culinária. A comida, ainda feita em fogão de lenha, tinha (e tem ainda hoje) uma variedade de pratos que incorporam frutos do cerrado, como o tradicional arroz com pequi, a galinhada com açafrão e a galinha com guariroba. O café era e ainda é acompanhado do biscoito de queijo, a peta, a pamonha, o curau, o bolo de mandioca e, ainda, as compotas de frutas com queijo fresco. Todo esse universo de sabores marcam a identidade da culinária da região.

As Festas. Além da festa de Santo Antônio, com as tradicionais quermesses, leilões, batizados, casamentos e a Folia de Reis, o principal evento religioso da região, desde a sua fundação, é a Festa do Divino: comemoração de origem portuguesa e açoriana, que festeja a vinda do Espírito Santo, cinquenta dias depois da Páscoa, na Festa de Pentecostes.

No final do mês de maio e início de junho, os foliões percorrem as casas da região pedindo pouso. Por sua vez, os moradores e seus vizinhos aguardam ansiosos a chegada do alferes, que, acompanhado de um grupo de violeiros, caixeiros, sanfoneiros e foliões, conduz de casa em casa a bandeira vermelha com a pomba branca, simbolizando o Divino Espírito Santo.

Dessa festa também fazem parte a reza do terço, as cantorias religiosas, a dança do chá e a dança da catira. A alegria é tanta que a confraternização pede comida farta, e é distribuída em abundância para homenagear o Espírito Santo, fonte de amor e prosperidade.

As Transformações:

“O povoado, distrito do município de Corumbá de Goiás, tornou cidade em 1959. Com a construção da nova capital (Brasília) e a abertura da BR-060, que liga Brasília a Goiânia, o prefeito eleito em 1961 criou a cidade de Alexânia, valendo-se de um loteamento, e, na calada da noite, transferiu para lá a sede do município, contra a vontade da população. Com isso, Olhos d’Água foi completamente abandonada pelo poder público municipal; conseqüentemente, a economia e a produção artesanal declinaram, e até suas principais atividades culturais, como as festas religiosas, foram perdendo seu vigor” (ACORDE:2000, p.13).

A proximidade de Brasília e Goiânia estimulou boa parte da população a migrar em busca de emprego, tendo essas cidades exercido forte influência na cultura local e alterado hábitos e costumes.

Assim, Olhos d’Água é conectada ao mundo globalizado. Segundo Dreifuss (1997):

“A mundialização (...) lida com mentalidades, hábitos e padrões, com estilos de comportamento, usos e costumes e com modos de vida, criando denominadores comuns nas preferências de consumo das mais diversas índoles. A mundialização é, portanto, do âmbito societário, embora, no seu desdobramento, condicione a economia e a política. Refere-se a valores e a referências a produtos, métodos desejados e passíveis de utilização, nos mais diversos países, sem ater-se à sua origem nacional, ou cultural (na maioria dos casos, simplesmente desconhecendo-a), e transbordando ou atravessando culturas, estilos existenciais e vivenciais” (p.172).

O conceito de “onda global” influi em todos os aspectos da vida no planeta, porque o mundo caminha para a implantação de uma cultura unificada, em que os costumes, os valores e os consumos se homogeneizam, e as manifestações são alteradas.

Ainda citando Dreifuss (1997):

“De um certo ângulo, a mundialização lida com a massificação e a homogeneização cultural, evidente no consumo de hambúrgueres, pizzas, sorvetes, iogurtes, refrigerantes, cigarros, jeans, tênis, cartões etc. Da China à Dinamarca, da Finlândia ao Peru, são os mesmos produtos das mesmas marcas e modelos iguais. Trata-se de uma população mundial que, a despeito das suas diferenças históricas (culturais, sociais, nacionais e religiosas), e das distâncias físicas, consome e reconhece como “seus” os mais diversos objetos e procedimentos: marcas e tipos de refrigerantes em lata e em garrafas sem retorno, medicamentos e comidas industrializados, cartões de crédito e músicas na parada de sucesso, relógios e cosméticos, roupas de griffes de massa e envases, personagens do esporte e do cinema...” (p.176/177).

Consideramos que é importante mostrar, neste projeto, como esses novos padrões, marcas e valores, ou seja, essa “avalanche” de novidades chega a diversas regiões do mundo, modificando ou mesclando culturas, aproximando regiões e encurtando relações interpessoais. A sociedade hoje é impulsionada pela explosão das informações e a intensificação das comunicações em nível mundial.

Para tanto, citamos Moraes (1997), segundo o qual:

“No contexto de economia globalizada e de cultura mundializada que caracteriza o capitalismo tardio, as tecnologias propiciam ao campo da comunicação um dinamismo sem precedentes. Elas tornam disponíveis, às camadas ponderáveis de audiência, um estoque inimaginável de dados e imagens, de opções de entretenimento e de simulacros. Os aparatos de divulgação disponibilizam signos sociais que assumem significação mundial” (p.19).

Segundo Mello (1999), “vivemos uma onda de significativas transformações econômicas, políticas e culturais, materializadas em escala planetária, que tem colocado novos desafios às ciências sociais, interpeladas a fornecer novas soluções de inteligibilidade para os acontecimentos e mudanças em curso, no agitado cenário de início de milênio” (p.13).

Destacamos que esse movimento globalizante é constituído de um processo histórico. Seu embrião vem das cruzadas, do renascimento comercial, das primeiras viagens ao novo mundo e da expansão capitalista. A globalização tem exercido grandes mudanças nas cidades, segundo Sassen(1998): “em alguns casos, contribui para o desenvolvimento de pólos de crescimento situados fora das grandes aglomerações urbanas” (p.56).

Atualmente, o mundo é pequeno quando se fala em comunicação, pois a mídia se transforma na grande mediadora e mediatizadora; ela elimina a fragmentação entre as culturas, etnias e classes sociais.

Verificamos como a “onda” se propaga, envolvendo a vida das pessoas, alterando tudo a sua volta, padronizando e estereotipando os conceitos da população mundial. As

culturas locais sofrem esse “contágio”, porque elas não são ilhas isoladas e encontram-se conectadas com o mundo.

Todo esse ensaio sobre globalização é para evidenciar como o movimento envolve, inclusive, as comunidades das pequenas cidades, movimentando e modificando a forma de vida de seus membros. Olhos d’Água é uma das comunidades afetadas por essa “onda”.

Percebemos como os membros dessa comunidade passam por um processo de esquecimento de pontos de sua cultura, assimilando componentes de culturas de fora, ou seja, perdendo as especificidades marcantes de sua comunidade.

O Artesanato e o Resgate. A mudança da capital para o interior do Brasil fez com que Olhos d’Água perdesse a condição de sede do município. Então, a cidade entrou em decadência. Como disse dona Joaquina de Paiva: “as pessoas estavam muito desanimadas, sem estímulo, não faziam nada; era só roça”.

O artesanato que existia naquela época era aquele produzido pelos mais velhos, que aprenderam quando crianças, segundo dona Clodilde (Bilu), uma das artesãs mais antigas da cidade: “Naquele tempo do mundo velho que não tinha nem uma bonequinha nós tinha que fazer bonequinha de pano, né? Eu aprendi fazer de bucha, palha e fui aprimorando”. Dona Regina, uma das artesãs da cidade, também aprendeu a fazer boneca de pano quando criança, para brincar.

Percebemos, assim, que o conhecimento desse artesanato simples encontrava-se restrito a pequenos grupos que a maioria das pessoas estava perdendo.

Sabemos que a cultura precisa de pessoas ou organizações com projetos que visem proteger os traços culturais. Esses projetos funcionam como um motor de proteção da nossa cultura.

Em Olhos d’Água, na década de 1970, dona Laís Aderne e o professor Armando procuraram resgatar o artesanato local. Nas reuniões da escola, dona Laís descobriu que o povo daquela comunidade antes produzia tudo de que necessitava; só trazia de fora o sal, que buscava em Minas Gerais. Quando descobriu isso, ela se assustou e se perguntou: - “Como é que esse povo está na miséria, passando por privações, sem dinheiro para comprar roupa, comida e outros gêneros?” Nessa época, dona Laís teve seu primeiro contato com a tecelagem. Ela viu a mãe de seu Armando tecendo e percebeu que tinha de resgatar com as crianças esse trabalho. Para isso, propôs a primeira reunião com a comunidade.

Começaram, então, a procurar pelas pessoas que detinham esse conhecimento. Essas pessoas foram localizadas, o conhecimento foi organizado e repassado para as pessoas

mais novas. Isso ocorreu com dona Clodilde, que repassou a arte de fazer bonecas de palha para sua afilhada, Fatinha, hoje uma das artesãs mais conhecidas de Olhos d'Água.

A tecelagem foi passada de geração a geração e é um trabalho que envolve toda a família no processo de plantar, colher e fiar o algodão. As crianças são introduzidas nesse processo de aprendizagem dos saberes tradicionais como parte de suas brincadeiras, tanto no descaroçamento, quanto na limpeza do algodão. O tingimento é feito com corantes naturais, tirados de plantas nativas da região.

A primeira exposição ocorreu numa casa que hoje está em ruínas e se localiza em frente à praça da cidade; a segunda, no salão paroquial de Olhos d'Água. Dona Laís entendeu que o resgate do artesanato local ocorreria por meio da educação, pois os conhecimentos seriam repassados dos mais velhos para os mais novos.

Segundo dona Laís, até pouco tempo atrás era proibido oferecer cursos à população: “Só podia ser assim: Antônio poderia ensinar pro cara, fazer as coisas, mas dar um curso, fazer um curso no Sebrae, não”. Com esse processo, eles queriam resgatar os modelos da região e a memória do povo. E a nossa proposta é a de propor políticas de conservação, aperfeiçoamento e comercialização desse artesanato, mantendo traços das origens locais.

O resgate dos conhecimentos artesanais aconteceu em forma de oficinas, como se fosse um repasse do mestre para o discípulo. Em Olhos d'Água, não funcionava a simples criação de um modelo e seu ensinamento a todos, mas a criatividade, acima de tudo.

Na década de 1980, começaram a ser criadas as microempresas. Hoje, são 42, financiadas pela Legião Brasileira de Assistência (LBA). Pelo programa da LBA, as pessoas pagam o empréstimo contraído com o produto fabricado pelas microempresas.

Nesse mesmo período, as tecelãs foram para Uberlândia para participar do Congresso da Sociedade Brasileira de Proteção do Cerrado (SBPC). O grupo teve quatro *stands*, onde foram colocados os teares. Nesse congresso, houve o encontro das tecelãs de Olhos d'Água com as de Uberlândia. Devido às viagens que os comerciantes realizavam até Minas Gerais em busca de sal, pensavam que o repasse da tradição vinha de lá.

Para dona Laís, “o que marca nesse processo é seu sentido “*sui generis*”, porque os fazeres culturais são resgatados; a partir daí, é possível resgatar também a economia, que vem atrelada aos fazeres culturais. Hoje, a cultura ainda se encontra desvalorizada dentro desse processo da economia.”

A Feira do Troca de Olhos d'Água. A Feira, criada na década de 1970, segundo dona Laís Aderne, proporcionou o escoamento da produção artesanal. A cidade, em dois períodos por ano, passou a ser “invadida” por milhares de turistas, que têm levado recursos à população.

A vida das pessoas da cidade é transformada, segundo dona Regina, “pois todo mundo veste e bebe, com o dinheirinho do troca”. Como dona Durvalina, que hoje tem a família trabalhando com ela e o marido deixou a profissão de pedreiro para se dedicar ao artesanato.

Dona Laís Aderne, protagonista da criação da feira, teve a idéia quando foi convidada pelo amigo Tomy Rodson para ajudar na orientação de um curso no Rio de Janeiro. Nesse curso, ela teve contato com uma professora judia, moradora de Laranjeiras, que teve uma experiência com crianças. Segundo ela, “as crianças não davam mais bola para seus brinquedos”. Ela queria que as crianças se envolvessem com os brinquedos que ganhavam e que, posteriormente, estragavam ou eram jogados fora. Então, ela criou um tipo de troca de brinquedos, realizada uma vez ao mês, no térreo do prédio onde morava. Segundo ela, essa troca passou a ser um sucesso, pois as crianças passaram a cuidar melhor dos seus brinquedos, visando a troca, e tendo sempre um brinquedo novo. Assim, dona Laís teve a idéia de fazer a “Feira da Gambira”. Imaginando que o povo não saberia o significado do termo, ela mudou o nome para “Feira do Troca”.

Atualmente, a Feira do Troca é realizada no primeiro domingo de junho e no primeiro de dezembro. No primeiro domingo de junho porque, nesse período, começa o frio. Como em julho acontece a festa de Santo Antônio, as pessoas certamente compram roupas novas para a festa. A outra ocorre em dezembro, perto do Natal, quando as pessoas compram presentes para dar aos filhos e também esperam ganhar algo de novo. Logo, a feira é realizada de seis em seis meses, para dar tempo à comunidade de resgatar os fazeres culturais.

A feira do Troca de Olhos d'Água é realizada em uma praça gramada, cercada por casas em estilo colonial; a praça possui um coreto de madeira. As ruas calçadas tornam-se pequenas, porque abrigam, nesse período, milhares de turistas. A feira acontece sempre aos domingos, mas as pessoas começam a chegar à cidade na sexta-feira. Muitos turistas procuram um bom local para armar barracas, pois não podem ou não querem gastar com hospedagem. Na sexta-feira, começam as festas, os *shows*, os *forrós* e muitos outros eventos.

No espaço da praça, são acomodados todos os tipos de mercadorias, desde os produtos mais simples da roça aos importados, que são comercializados pelos camelôs. O artesanato é o principal produto que a cidade oferece e representa o carro-chefe da feira. Na Feira do Troca, encontramos artesanato de cerâmica, metal, pano, palha, pedra, etc. Juntamente com produtos artesanais advindos da roça, notamos que são oferecidas mercadorias usadas, que as pessoas levam para trocar. É importante ressaltar que essa feira surgiu de pequenas trocas de roupas, panelas usadas, dentre outros utensílios.

Todas as mercadorias são organizadas, na maioria das vezes, no chão, mas há algumas barracas também. O que mais chamou nossa atenção foi a diversidade de produtos produzidos na região, principalmente a tecelagem. As barracas, em sua maioria, oferecem alimentos e bebidas, e seus proprietários convivem em disputa com a culinária local. Essa disputa é uma realidade na feira, pois, de um lado, há os artesãos e, de outro, os barraqueiros de comidas e ou bebidas; ainda, as barracas das pessoas que acampam na feira. Segundo dona Laís Aderne, há um projeto para a construção de uma área de *camping*, pois, caso contrário, os barraqueiros acabarão com a feira e com o sonho de várias pessoas que dependem dela para sobreviver. Acampam na praça, tirando o espaço dos artesãos.

O movimento das pessoas na feira é muito diversificado, e nela verificamos a presença de pessoas de diferentes classes sociais. Juntamente com o homem simples, advindo da roça, dela participam pessoas com bom nível cultural e, principalmente, jovens. Observamos, inclusive, a presença de pessoas que consumiam drogas livremente no local.

Mas, em geral, a procura é a mesma: a troca, a compra ou simplesmente o lazer. Percebemos isso percorrendo a feira e ouvindo as propostas de negócios dos feirantes.

Destacamos que não existe uma predominância de faixa etária ou sexo, mas uma diversidade de idades e de estilos de vida. Ainda, é notória a riqueza cultural da feira, porque há uma concentração muito grande de pessoas e de produtos de outras regiões, principalmente nos *shows* e nas encenações, onde são realizados os espetáculos, que resgatam as tradições e os traços culturais da região.

Segundo Mott (2000), “há uma discussão antropológica sobre Feira e mercados: de um lado, os pesquisadores formalistas, mais presos aos aspectos econômicos e formais dessas instituições; do outro, os pesquisadores substantivistas, que buscam nas feiras suas especificidades históricas e culturais, seu lado mais social e não meramente mercantilista”. (p.19)

No caso da Feira de Olhos d'Água, seria necessário que levássemos em conta suas especificidades artísticas e culturais, pois as pessoas começam a chegar à cidade na sexta-feira, para participar das festas que antecedem o dia da feira. Assim, eu constatei um grande número de pessoas que procuram lazer em tal acontecimento. No entanto, não se pode esquecer do seu aspecto mercantilista, pois a feira funciona como uma “vitrine” da produção local, onde é exibido o artesanato da população local e acontecem as transações comerciais.

Diferentemente da feira de Brejo Grande, analisada por Mott (2000), a feira de Olhos d'Água não possuía, inicialmente, a função econômica e/ou de abastecimento. Em relação a Brejo Grande, Mott percebeu que “as pessoas consideravam a feira como um compromisso, uma coisa pesada, tarefa imprescindível à subsistência”.(p.23)

Ainda, Mott (2000) afirma em seu trabalho que “as feirinhas de artesanato ou de comidas regionais, como existem em Recife, Fortaleza e outras capitais brasileiras, assim como as feiras de produtos usados de segunda mão e antiguidades (mercado das pulgas) constituem importantes espaços alternativos para abastecimento ou lazer que o poder público deve estimular e proteger” (p.34).

A Feira do Troca de Olhos d'Água surgiu quando a população local passou a trocar o artesanato local produzido na terra por produtos usados. Hoje, a feira trata de um acontecimento de proteção e divulgação da cultura local; e, ainda, uma das principais formas de lazer da população e, por isso, se transformou em atração turística. Nesse tipo de feira são expostos o artesanato nativo e as comidas típicas, e apresentados o Boi d'Água e a Catira. O Boi d'Água é uma versão do Bumba Meu Boi, encenação criada para ser apresentada no dia; a Catira é uma dança, e o grupo que a interpreta é de uma cidade vizinha, Abadiânia.

Ferretti (2000) faz uma distinção entre as feiras rurais e as urbanas. Para ele:

“Os pequenos núcleos urbanos, nas proximidades das zonas de periferia da cidade onde se realiza a feira, têm um percentual de produtores primários entre os feirantes. As urbanas, realizadas nas grandes cidades ou mesmo nas capitais dos Estados, freqüentemente chamadas “feiras livres”, vendem sobretudo verduras e frutas, oferecendo produtos mais frescos e de melhor qualidade a menor preço do que os supermercados, e continuam a se desenvolver ao lado deles, obtendo a preferência das donas de casa. Geralmente ocupando várias ruas dos bairros onde se instalam, causam transtorno para o trânsito e a limpeza pública. Objeto de constante disputa na imprensa, foram várias vezes ameaçadas de extinção, como as do Rio de Janeiro, mas continuam resistindo às agressões até hoje” (p.43).

A feira do Troca acontece numa cidade pequena. Trata-se de uma feira rural, mas os turistas chegam de várias partes do Estado de Goiás, principalmente de Brasília. Já os feirantes, em sua maioria, são da região.

A Feira do Troca de Olhos d'Água, além de passar por transformações em seu interior, pois surgiu de trocas indiretas, passando por trocas diretas, hoje já exercita a venda, embora ainda receba influências externas. A troca direta ocorre quando os donos dos produtos os comercializam sem intermediários, enquanto a troca indireta apresenta essa figura.

A partir de 1990, a feira passou a sofrer com seu crescimento, e começou a ser descaracterizada pelo aparecimento de produtos que não faziam parte do contexto da comunidade e dos barraqueiros, tanto de comida e de bebida, ou de barraqueiros de *camping*.

Segundo Maria de Fátima Dutra Bastos (Fatinha), “hoje ela se descaracterizou um pouco, já existe venda. A feira precisa ser repensada, dar uma melhorada; está havendo uma invasão [de produtos] do Paraguai e também de camelôs, que estão tirando o verdadeiro espaço do artesão”.

Dona Laís Aderne concorda que as influências de fora estão destruindo a feira. Segundo ela, “a feira foi crescendo e gerando um *superavit* na cidade. Duas vezes por ano, eles fazem dinheiro maior para cobrir as despesas de outros momentos; depois, começaram a entrar produtos importados, vindos do Paraguai e de outros países; vieram as pessoas de fora, que colocam barracas de comidas e bebidas na rua; então, as pessoas de fora também usufruem da feira, deteriorando”.

Assim, através da fala de dona Laís e observações, detectamos que a feira está sendo comprometida não somente pelos importados, mas também pelos barraqueiros de comidas e bebidas e barraqueiros de *camping*. As barracas de comidas e bebidas vendem produtos diversos, trazendo diversidade de alimentação, embora a cidade ofereça comidas típicas da terra.

Percebemos, então, como a Feira de Olhos d'Água está sendo destruída, desviando-se do seu objetivo, que é resgatar os saberes locais. A consciência dessa contaminação nos leva a perceber a necessidade de resgatá-la. Uma das artesãs da comunidade comenta sobre o que está acontecendo e o que está faltando: “eu acho que desvaloriza e descaracteriza a feira e tira todo o sentido da Feira do Troca, que é o artesão trocando; esta mistura com coisas do Paraguai perde o sentido; então, eu acho que um pouquinho de boa vontade e organização separaria, então, artesão para um lado, camelô para outro; eu acho que seria uma coisa mais assim”. Segundo ela, “os artesãos não têm espaço para eles; chega o camelô, chega o bar e o artesão não tem lugar para ficar”.

É preciso repensar a Feira do Troca, ou seja, encontrar uma maneira de fazermos o seu resgate, pois ela está sendo deteriorada por influências externas que tiram o espaço do artesão local, que é quem detém o conhecimento do artesanato original.

Devido à carência de políticas públicas de apoio à produção artesanal, a comunidade local iniciou o processo de discussão para repensar e organizar o evento, que aconteceria no dia 06 de junho de 2004. Na reunião que aconteceu no dia 15 de maio de 2004, o senhor Emival, ligado ao movimento Boi d'Água, comentou sobre o afastamento da comunidade da feira: “ela acontece porque acontece, virou geração espontânea; a associação, que mudou de nome e de direcionamento, também não quer saber. Se a comunidade não acordar, as pessoas vão entrar em nossa casa, vão deixar lixo para nós limparmos, e nós não vamos poder fazer nada; temos que pegar essa comunidade de artesãos e dar uma chacoalhada; se não, vamos perder a feira”.

Nessa mesma reunião, foram decididos vários pontos. Um deles é que os artesãos de fora teriam que se inscrever e não seriam aceitos os produtos que não fossem considerados

bens culturais. Apenas a comunidade teria direito a expor seus produtos sem inscrição prévia. Até mesmo os produtos de alimentação passariam por essa triagem.

Outro ponto discutido foi o fechamento da feira. Sendo a praça o local do artesão; nada que não tivesse característica específica nela poderia entrar. Tal seria apoiado por comissão de voluntários e força policial.

Os barraqueiros de *camping* seriam orientados para uma área própria, que já está há muito tempo no projeto da cidade. A área fica às margens do córrego, abaixo da praça. A praça ficaria livre, com espaço suficiente para os artesãos.

Assim, uma comissão e grupos de trabalhos foram formados para a organização e divulgação da feira do dia 06 de junho de 2004. No entanto, numa nítida falta de política pública de apoio à produção artesanal, que é uma das formas sobrevivência da comunidade, não houve apoio público ou financeiro para sua realização.

4. REFERÊNCIAS CONCEITUAIS

Para melhor compreensão e embasamento do Projeto, apresentaremos alguns conceitos que são de fundamental importância para entendermos a importância dos bens culturais.

Segundo a Instrução Normativa n. 1, de 25 de novembro de 2003, do IPHAN: “bens culturais são elementos que por sua existência e característica possuam significação cultural para a sociedade – valor artístico, histórico, arqueológico, paisagístico, etnográfico – seja individualmente ou em conjunto.” (p.1)

No Brasil, o principal órgão atuante na preservação do patrimônio cultural tem sido o IPHAN. Em 1933, surgiu a primeira legislação federal sobre o patrimônio: o decreto n. 22.928, promulgado a 12 de julho de 1933, que teve grande significação por haver assinalado a decisão dos poderes públicos nacionais de iniciarem uma política de preservação do patrimônio que já erigia a cidade de Ouro Preto em monumento nacional. Os discursos de implementação de políticas de “patrimônio cultural” da década de 30 até os anos 80 utilizaram a lógica da objetivação cultural, identificada principalmente nas narrativas de Rodrigo de Melo Franco e Aloísio Magalhães, personalidades políticas que pensaram o patrimônio cultural. Durante cinquenta anos, as políticas oficiais de patrimônio cultural do Estado brasileiro foram criadas por esses dois intelectuais de concepções diversas. Assumiram uma perspectiva que permite dizer que o processo de construção nacional ainda não havia sido concluído e se encontrava em processo destrutivo. Por isso, suas narrativas são interpretadas como uma busca pela identidade nacional. Nesse sentido, algumas iniciativas foram tomadas para a criação de políticas de preservação, justificadas nesses intelectuais por uma retórica da perda. Escreve Gonçalves (1996): “é tão somente na medida em que existe um patrimônio cultural objetificado e apropriado em nome da nação ou de qualquer outra categoria sócio-política, que se pode experimentar o medo de que ele possa ser perdido para sempre” (p.32).

São os bens culturais que formam o Patrimônio Nacional que dão sentido à idéia de nação, que fazem com que os indivíduos de uma comunidade se sintam parte do grupo ou da comunidade.

De acordo com o Decreto Lei n. 25, de 1937, disponível no *site* do IPHAN(2005): “patrimônio cultural é o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país cuja conservação seja de interesse público, quer porque possua vinculação a fatos memoráveis, quer pelo seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico”. (P.1)

Assim, de acordo com o IPHAN (2005):

“De acordo com a convenção para a salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, aprovada pela UNESCO em 17 de outubro de 2003, entende-se por ‘patrimônio cultural imaterial’ as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana”. (p. 1)

O artesanato, que é uma manifestação cultural de um povo, pode ser enquadrado como um Patrimônio Cultural Imaterial.

Segundo Megale (2000), “os folcloristas distinguem atualmente os conceitos de arte e de artesanato folclóricos, que têm a mesma origem das artes e artesanatos denominados populares, com a diferença de que estes últimos são mais comerciais ou de consumo” (p. 119).

O artesanato está geralmente relacionado aos recursos naturais existentes e decorre da relação entre o homem e o meio, refletindo o sistema de vida adotado pelos moradores de certa região. Ele é uma manifestação cultural de um povo e nos permite contar nossa história, nossas tradições e nossas belezas, retratando o que somos, o que temos e o que sonhamos.

Segundo a enciclopédia livre, Wikipédia (2004):

“Considera-se artesanato todo trabalho manual, em que mais de 80% da peça foi fruto da transformação da matéria prima pelo próprio artesão. Além disso, o produto normalmente reflete a relação do artesão com o meio onde vive e sua cultura.”: “o artesanato pode ser com ou sem ajuda de ferramentas e mecanismos caseiros que as pessoas dão às matérias brutas, sobras e lixo do consumo industrial, visando produzir peças utilitárias, artísticas e recreativas, com ou sem fim comercial” (p.1).

Compreendemos, assim, que o artesanato mantém as especificidades de cada região, pois o meio natural varia de lugar para lugar, oferecendo matéria-prima diferente para a confecção de produtos, destacando a evolução histórica de cada comunidade.

Recorrendo a Megale (2000):

“Tanto a arte como o artesanato folclóricos nacionais são ricos em variedades, visto que, além dos elementos formadores de nossa nacionalidade, fomos colonizados por povos provenientes de todos os quadrantes da terra e em vários estados brasileiros eles constituem a técnica de subsistência de populações inteiras, como no Nordeste. Muitas vezes, a aparência dos objetos entra em conflito com os nossos preconceitos artísticos, mas precisamos lembrar que eles são o retrato de nosso povo, que coloca em sua confecção grande parte de sua vida e de suas esperanças, demonstrando muitas vezes peculiaridades regionais” (p.120).

A sociedade que não reconhece e não se apropria de seu patrimônio tem seus valores enfraquecidos. Sua participação na construção e fortalecimento de um patrimônio cultural garante a sua sensação de “pertencimento” e o reconhecimento desse patrimônio, seja ele local, regional ou nacional, é fonte inesgotável de aprendizado e enriquecimento do indivíduo e da sociedade na qual ele está inserido.

Na cidade de Olhos d'Água, encontramos uma comunidade que procura se envolver com a proteção de seu patrimônio. A Associação Comunitária de Desenvolvimento Sustentável de Olhos d'Água (ACORDE) é uma entidade sem fins lucrativos, criada pela comunidade e por amigos do povoado. Dirigida por voluntários, tem como objetivo desenvolver ações que promovam a melhoria da qualidade de vida de seus moradores.

5. METODOLOGIA: ESTRATÉGIAS DE AÇÃO PARA O PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO DA GESTÃO ADMINISTRATIVA DA ACORDE

Como primeira estratégia de ação, propomos a qualificação da gestão administrativa, pois ela é dirigida por voluntários, na sua maioria artesãos.

A qualificação é necessária, pois o projeto propõe medidas que visam à implementação de uma política de preservação, valorização e ampliação de bens culturais, buscando apoio técnico-financeiro para fomentar a revitalização do processo artesanal da cidade, sua comercialização e preservação.

Assim, a gestão administrativa da Acorde terá que se adequar às políticas e leis culturais que existem no Brasil.

Programa de Capacitação em Oficinas da Produção Artesanal

No primeiro momento, serão agrupados os artesãos por tipo de artesanato. Serão organizadas oficinas, que servirão para aprimoramento e repasses. Nessas oficinas, serão analisadas as habilidades de cada um. Os que detêm o conhecimento completo da técnica repassarão para os que dela têm conhecimento parcial, para acontecer a capacitação profissional e aumentar a produção e qualidade dos produtos.

Resgate da fiação manual – Em oficinas de fiação, serão identificadas as habilidades das artesãs e os diferentes tipos de fios e espessuras, a fim de criar um sistema de classificação dos produtos. Serão desenvolvidas ações de recuperação da tradição, como o tingimento utilizando o corante natural, encontrado nas plantas do cerrado.

Serão duas as oficinas:

Aprimoramento têxtil: nessa oficina, as artesãs farão os repasses tradicionais da técnica de urdimento e a forma de inserir os fios no tear.

Técnicas têxteis: serão apresentados novos instrumentos, capazes de otimizar o processo têxtil. Serão acrescentadas técnicas capazes de aumentar a produtividade e a qualidade da produção artesanal local, com orientação sobre a melhoria do acabamento e a padronização das medidas dos produtos, valorizando-os e tornando-os mais competitivos no mercado.

Será efetuada a abertura de um espaço de comercialização e oficina comunitária, onde serão expostos objetos que resgatem a história da comunidade e vendidos produtos artesanais.

Programa de Incentivo à Formulação de Políticas Culturais

O Registro da Tecelagem

Será feito o registro do artesanato têxtil da região, tendo como base de apoio o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, instituído pelo Decreto n. 3.551, de 04 de agosto de 2000, que tem como objetivos os que se seguem.

1. Implementar política de inventário, registro e salvaguarda de bens culturais de natureza imaterial.
2. Contribuir para a preservação da diversidade étnica e cultural do país e para a disseminação de informações sobre o patrimônio cultural brasileiro a todos os segmentos da sociedade.
3. Captar recursos e promover a constituição de uma rede de parceiros com vistas à preservação, valorização e ampliação dos bens que compõem o patrimônio cultural brasileiro.
4. Incentivar e apoiar iniciativas e práticas de preservação desenvolvida pela sociedade.
5. São diretrizes da política de fomento do Decreto:
6. Promover a inclusão social e a melhoria das condições de vida de produtores e detentores do patrimônio cultural imaterial.
7. Ampliar a participação nos projetos dos grupos que produzem, transmitem manifestações culturais de natureza imaterial nos projetos de preservação e valorização desse patrimônio.
8. Promover a salvaguarda de bens culturais imateriais por meio do apoio às condições materiais que propiciam sua existência, bem como pela ampliação do acesso aos benefícios gerados por essa preservação.
9. Implementar mecanismos para a efetiva proteção de bens culturais imateriais em situação de risco.
10. Respeitar e proteger direitos difusos ou coletivos relativos à preservação e ao uso do patrimônio cultural imaterial.

O Programa Nacional de Patrimônio Imaterial tem como linhas de ação:

Pesquisa, documentação e informação.

1. Sustentabilidade
2. Promoção
3. Capacitação.

Também deverá ser utilizada a Lei n.13.613, de maio de 2000, que institui o Programa de Incentivo à Cultura – GOYAZES e dá outras providências.

São objetivos do GOYAZES:

1. preservar e divulgar o patrimônio cultural, histórico e artístico do Estado de Goiás;
2. incentivar e apoiar a produção cultural e artística para o Estado de Goiás;
3. democratizar o acesso à cultura e pleno exercício dos direitos culturais, garantindo a diversidade cultural;
4. incentivar e apoiar a formação cultural e artística.

São beneficiários do GOYAZES:

1. projetos de patrimônio cultural, histórico e artístico, aprovados pela Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, ouvido o conselho Estadual de Cultura acerca de sua relevância e oportunidade;
2. pessoa física ou jurídica, que tenha seus projetos de ação, produção e difusão cultural e artística aprovados pela Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, ouvido o Conselho Estadual de Cultural acerca de sua relevância e oportunidade.

O GOYAZES dará suporte a projetos culturais e artísticos por meio das seguintes ações:

1. Apoio cultural
2. Crédito cultural
3. Mecenato
4. Benefícios fiscais
5. Participação do Estado em projetos e empreendimentos conjuntos.

Assim, existem políticas públicas de apoio aos bens imateriais e o nosso projeto de gestão se apoiará nessas políticas para obter a preservação, valorização e ampliação dos bens culturais de Olhos d'Água.

Propõe também fazer o inventário do artesanato local, possibilitando o Registro da Tecelagem de Olhos d'Água junto ao IPHAN, como um bem cultural imaterial, no livro de Registro de Saberes. Assim como no Ofício das Paneleiras de Goiabeiras, há um conhecimento que é repassado dos mais velhos para os mais novos. Também, toda a matéria-prima utilizada na tecelagem é natural do lugar. O tingimento é retirado de plantas naturais do cerrado e os padrões e repasses são exclusivos das tecelãs da região.

O Registro é necessário, pois as tecelãs têm dificuldade de obter o algodão “in natura”. Ainda como acontece com o Ofício das Paneleiras de Goiabeiras, com o Registro serão elaboradas ações destinadas à continuidade do ofício, à prospecção de mercados e à garantia da obtenção de matéria-prima da tecelagem.

Programa de Parcerias, Convênios e Levantamento de Fundos

A Acorde incrementará parceria com o Programa Nacional de Municipalização do Turismo, com a Embratur e com o Sebrae/Go, para reorganizar a produção artesanal da comunidade, buscando outros mercados e novos canais para o escoamento da sua produção, além de atender às demandas do turismo, como estratégia para gerar renda e melhorar as condições de vida da comunidade.

Se, anteriormente, os artesãos se aliavam para organizar sua produção apenas quando aconteciam feiras e exposições em outras cidades, poderão produzir e comercializar regularmente em conjunto e por meio de sua Associação Comunitária.

6. RESULTADOS ESPERADOS

- Desenvolvimento de uma política de preservação, valorização e ampliação dos Bens Culturais de Olhos d'Água, que correm o risco do esquecimento.
- Fomento às atividades culturais, que precisam de incentivos e de uma política (ausente) para sua realização e manutenção.
- Revitalização do processo de produção artesanal da cidade que, devido à falta de meios de comercialização preservação e ampliação, passa por um momento de crise de escoamento.
- Aprimoramento da Gestão local do Patrimônio Cultural: a comunidade local necessita aprimorar sua gestão para conscientização e conhecimento de políticas sobre Patrimônio Cultural.
- Melhoria da qualidade da experiência turística local. A implantação do projeto visa melhorar a qualidade no atendimento aos turistas que visitam a cidade.
- Inventário e Registro da Feira do Troca, do artesanato e da tecelagem de Olhos d'Água. O projeto também possibilitará relacionar todo tipo de artesanato produzido na cidade e propor um possível registro seu em instituições estaduais ou federais.

7. RISCOS DO PROJETO

O projeto depende fortemente de parcerias ou de convênios entre instâncias federais, estaduais e municipais, envolvendo órgãos que já tenham uma estrutura. Sua implementação depende também, basicamente, da vontade política. Está condicionado ao patrocínio, sem o qual não será possível a sua realização.

8. IMPACTOS COM A NÃO REALIZAÇÃO DO PROJETO

A não realização do que foi proposto no projeto facilitará os processos negativos que vêm ocorrendo na cidade de Olhos d'Água. Seus bens culturais serão perdidos, pois os artesãos não têm incentivos e nem matéria-prima para produzi-los e, principalmente, meios de comercializá-los.

9. EFEITO MULTIPLICADOR

A execução do Projeto abrirá caminhos para novas ações ligadas direta ou indiretamente ao patrimônio cultural e ao turismo.

As oficinas e parcerias desenvolvidas ajudarão na ampliação dos bens culturais, divulgação e comercialização de produtos artesanais, atraindo turistas para cidade, o que garantirá seu crescimento no surgimento de hotéis e restaurantes.

A preservação cultural poderá trabalhar em conjunto com a preservação ambiental, pois a cidade localiza-se em uma região de natureza rica, que deve ser divulgada e preservada também.

10. SISTEMA DE MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO DO PROJETO

Para avaliar e monitorar o andamento do projeto, será necessário analisar se as propostas e o cronograma estarão sendo, de fato, obedecidos e se os objetivos estão sendo alcançados de modo satisfatório, conforme estabelecido. Mais especificamente, a avaliação será feita através do acompanhamento das atividades realizadas e dos números dados, dos objetivos, metas e orçamento de desembolso e de execução.

11. RECURSOS NECESSÁRIOS

Destacamos, que a sede da ACORDE deverá funcionar como ponto de onde sairão todas as operações propostas pelo projeto. Assim, o projeto ficará isento de aquisição de imóvel.

EQUIPAMENTOS				
Item	Equipamentos	Quantidade	P.Unitário	P.Total
01	Computador	02	3.500,00	7000,00
02	Impressora	01	700,00	700,00
03	Mesa p/ computador	02	100,00	200,00
04	Cadeira giratória	02	250,00	500,00
05	Câmera digital	01	1000,00	1000,00
06	Quadro Branco	01	400,00	400,00
07	Mesa p/recepcionista	01	200,00	200,00
08	Aparelho DVD	01	400,00	400,00
09	Televisão	01	3000,00	3000,00
10	Mesa p/ pesquisador	01	300,00	300,00
11	Cadeira p/ pesquisador	01	250,00	250,00
TOTAL				R\$ 13.950,00

Despesas com Pessoal			
Item		Quantidade	Salário Mensal
01	Pesquisador	01	3000,00
02	Secretária	01	300,00
03	Vigilante	01	360,00
04	Operador de Limpeza	01	360,00
TOTAL			R\$ 4.020,00

Serviços Especiais	
Digitação	100,00
Serviços de Cópias	100,00

Outras Despesas	
Aquisição de material de limpeza e conservação	150,00

12. CRONOGRAMA DE DESEMBOLSO

	jul/05	ago/05	set/05	out/05	nov/05	dez/05	jan/06	fev/06	mar/06	abr/06	mai/06	jun/06
Equipamentos		13950										
Salários			4020	4020	4020	4020	4020	4020	4020	4020	4020	4020
Serviços Especiais			200	200	200	200	200	200	200	200	200	200
Outras Despesas			150	150	150	150	150	150	150	150	150	150
TOTAL		13950	4370	4370	4370	4370	4370	4370	4370	4370	4370	4370

13. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

AÇÃO	jul/05	ago/05	set/05	out/05	nov/05	dez/05	jan/06	fev/06	mar/06	abr/06	mai/06	jun/06
Apresentação do projeto para acordo	X											
Busca de Patrocinadores	X	X										
Compra de Equipamentos		X										
Contratação de Pessoal		X										
Levantamento e documentação do artesanato produzido na cidade			X	X	X							
Oficinas cursos e Palestras					X	X	X	X	X			
Proposta e definições de políticas para preservação, ampliação e valorização de bens culturais.									X	X	X	X

14. CAPTAÇÃO DE RECURSOS

Depois de aprovado o projeto pelo Programa Estadual de Incentivo à Cultura, a Lei Goyazes (Lei n.13.613, de 11 de maio de 2000), os incentivos e patrocínios seguirão da maneira como se segue.

- O Município garantirá a isenção dos impostos e os custos destinados à divulgação do projeto.
- A iniciativa privada e as Organizações Não Governamentais se incumbirão dos equipamentos necessários e da manutenção dos recursos humanos e dos materiais de consumo durante a execução do projeto.
- A captação de recursos junto às empresas privadas será buscada especificamente em empresas da região, como a NOVA SCHIN, utilizando as seguintes motivações para o patrocínio empresarial à cultura:
 1. uma maneira de melhorar o relacionamento com o público alvo;
 2. uma boa ferramenta de comunicação empresarial;
 3. uma maneira de divulgar seu produto;
 4. uma forma de reforçar positivamente a imagem institucional;
 5. uma forma de responsabilidade social e cívica;
 6. uma oportunidade de ampliar o envolvimento da empresa com a comunidade onde se insere.

15. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DREIFUSS**, René Armand. “*Corporações Estratégicas e Mundialização Cultural*”. In : **MORAES**, Denis de. *Globalização, Mídia e Cultura Contemporânea*. Campo Grande : Letra Livre, 1997.
- FERRETTI**, Mundicarmo.”Feiras nordestinas – estudos e problemas” In: FERRETTI, Sérgio. *Reeducando o olhar: estudos sobre feiras e mercados*. São Luis: ed. UFMA; PROIN (CS), 2000.
- FOLLIET**, Joseph. *O povo e a cultura: culturas em debate*. Rio de Janeiro; Forense, 1965.
- GONÇAVES**, José Reginaldo dos Santos. *A retórica da perda: os discursos do Patrimônio Cultural do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ; Iphan, 1996.
- MEGALE**, Nilza b. *Folclore brasileiro*. Petrópolis, Rj: Vozes, 2000.
- MELLO**, A. F.de. *Marx e a globalização*. São Paulo: Editorial Boitempo, 1999.
- MORAES**, Denis de. *Globalização, Mídia e Cultura Contemporânea*. RJ: Ed. Letratore, 1997.
- MOTT**, Luis, “Feiras e Mercados: pistas para pesquisa de campo” . In: FERRETTI, Sérgio, *Reeducando o olhar: estudos sobre feiras e mercados*. São Luis: ed.UFMA; PROIN (CS), 2000.
- PROJETO ACORDE 2000**. *Olhos d’Água - a tradição artesanal da tecelagem*. Brasília – DF: Governo Federal, 2000.
- SASSEN**, S. *As cidades na economia mundial*. Trad. Carlos Eugênio M. de Moura. São Paulo: Studio Nobel, 1998.
- WIKIPÉDIA**. File//A:\Artesanato -Wikipédia.htm
www.Iphan.gov.br/bens/p.20%imaterial/imaterial.htm
www.iphan.gov.br/legislac/legisla.htm